

urbano: mercado de aflições”; Antônio Joaquim Severino (PUCC), “Educação e despersonalização da realidade social brasileira”; Roberto Pinto de Moura (PUCC), “Toxicomanias: a sociedade no tribunal”; Sully Urbach (PUCC), “Medicina e Patologia”; Antônio Muniz de Rezende (UNICAMP), “Pistas para um diagnóstico da patologia cultural”; e Maurício Tragtenbêrg (UNICAMP), “O saber e o poder” (Nota de Gonçalves do Amaral.)

Nagle, Jorge — Educação e Sociedade na Primeira República. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1974. 400 págs.

A preocupação do autor com o presente livro, originalmente uma tese de livre-docência na Faculdade de Filosofia de Araraquara, foi, nas suas próprias palavras, “realizar um trabalho relacionando e integrando dois universos que não têm estado muito próximos um do outro, nos estudos que têm sido feitos: o da educação e o da sociedade brasileira”. Na primeira parte cuidou o autor de esboçar um retrato da sociedade brasileira, analisando os setores político, econômico e social, bem como determinadas correntes de idéias e movimentos político-sociais, tais como socialismo, anarquismo, maximalismo, nacionalismo, catolicismo, tenentismo, modernismo, integralismo; na segunda, procurou realizar um estudo sobre a educação, com ênfase às diversas reformas (federais e estaduais), para daí estabelecer um quadro da penetração do **escolanovismo** no Brasil e um panorama da literatura educacional da época, terminando com um capítulo sobre o tema “Estado e Educação”. ONM

*

* *

NOTICIÁRIO

MICROFILMAGEM DE DOCUMENTAÇÃO OFICIAL

Do Senhor Murillo Marx, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico da Municipalidade de São Paulo recebemos o seguinte ofício,

reedições vêm sendo inseridas têm títulos significativos: “Dimensões do Brasil” (Vozes), “Memória Brasileira” (Melhoramentos), “Reconquista do Brasil” (Itatiaia)... Não há de ser sem propósito este interesse em torno dos historiadores do passado.

O Professor Amaral Lapa confessou sua posição atual como a de “segurador de pontas” entre duas tendências da historiografia brasileira. Não é apenas nessa situação pouco cômoda que eu o vejo. Como homem de pesquisa (*Carreira da Índia, Economia Colonial* e outros ensaios menores) e como homem de teoria (*A História em Questão*) e ainda pela sua posição privilegiada de respeitado por ambas as tendências, é ele dos poucos capazes de salvar o que resta de nossa pobre historiografia contemporânea. ONM

*

POSSE DO ACADÊMICO RENÉ PENNA CHAVES

Em sessão solene realizada na noite de 21 de agosto, tomou posse na Academia Campinense de Letras o médico e escritor René Penna Chaves, eleito em 5 de junho para a Cadeira nº 19 (patrono Amadeu Amaral), vaga com o falecimento do Acadêmico Plínio do Amaral, ocorrido em janeiro do corrente ano. O discurso oficial de recepção foi pronunciado pelo Acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho. A seguir, transcrevemos os dois discursos proferidos na reunião que atraiu ao belo auditório da Campinense o que Campinas tem de mais representativo.

1. Discurso do Acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho

Aqui estamos nós dois, senhor René Pena Chaves, envelhecidos, sofridos, ofegantes da longa subida até este templo grego que enfeita e engrandece Campinas, a terra que escolhemos para a morada de toda a nossa vida. De outras plagas viemos. Em outros lugares nascemos. Vós em Paris, e eu na então capital de nosso país. E na cidade de Francisco Barreto Leme — também como nós forasteiro de outra região — fixamo-nos e entregamo-nos ao exercício de nossa profissão médica. Já se passou meio século. Meio século, senhor René Pena Chaves, nesta bendita, nesta querida terra campineira ! Constituímos família, tivemos filhos e agora, embevecidos, assistimos ao crescimento de nossos netos. Só Deus sabe se chegaremos aos bisnetos !